

---

**Maleval, Maria do Amparo Tavares, *Fernão Lopes e a retórica medieval*, Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2010.**

---

## Vestir a nudez da verdade

É conhecidíssima a passagem de um artigo publicado por Alexandre Herculano, em 1839, no *Panorama* –posteriormente coligida no tomo V dos *Opúsculos* (1886, 3-9)–, em que o autor de *Eurico, o Presbítero* registra: “poucos homens teem nascido historiadores como Fernão Lopes. Se em tempos mais modernos e mais civilizados houvera vivido e escripto, não teríamos por certo que invejar ás outras nações nenhum dos seus historiadores”; logo a seguir, Herculano reconhece as qualidades do guarda-mor da Torre do Tombo: sua modernidade – “Além do primor com que trabalhou sempre por apurar os sucessos politicos, Lopes adivinhou os principios da moderna historia: a *vida* dos tempos de que escreveu transmittiu-a á posteridade, e não, como outros fizeram, sómente um esqueleto de sucessos politicos e de nomes celebres” –e as qualidades literárias de sua obra– “Nas chronicas de Fernão Lopes não ha só historia: ha poesia e drama: ha a idade media com sua fê, seu entusiasmo, seu amor de gloria”. Não espanta, portanto, que Herculano lamentasse a negligência com que então se tratava a obra daquele que tenta reconduzir ao lugar que lhe cabe, como “pae da historia nacional”; como admitir que se tratasse como desprezo “o Homero da grande epopea das glorias portuguezas”?

Se em tempos mais recentes o apelo do eminente historiador e escritor romântico vem sendo ao menos parcialmente atendido, com a produção de diversos trabalhos sobre a obra de Fernão Lopes, são ainda escassos os estudos produzidos no Brasil; por conseguinte, é mais do que bem vindo este *Fernão Lopes e a retórica medieval*, assinado por Maria do Amparo Tavares Maleval. Sua competência para abordar o assunto transparece na trajetória delineada em seu currículo: os mais de oitenta artigos e capítulos em livros acadêmicos por ela publicados, a que se somam duas dezenas de volumes de que foi autora ou organizadora, são dedicados principalmente ao estudo da literatura medieval ibérica e suas atualizações no Brasil, temas sobre os quais se debruça desde o final da década de setenta; além disso, organizou e coordenou incontáveis eventos voltados para os estudos relacionados ao medievo, tendo ademais presidido a Associação Brasileira de Estudos Medievais por duas

gestões. A trilha percorrida por Maleval já oferece indícios acerca da elevada qualidade de seu trabalho acadêmico, e a leitura do volume vem apenas confirmar essas expectativas.

*Fernão Lopes e a retórica medieval* nasceu como tese de doutorado, elaborada sob a direção de Massaud Moisés e defendida na Universidade de São Paulo, em 1982; como lemos na “Introdução”, o trabalho –originalmente intitulado *A revolução pelos ornamentos: Fernão Lopes*– foi refundido para a publicação. Como se poderia esperar, outros pesquisadores se dedicaram a estudar a obra do cronista ao longo das quase três décadas transcorridas entre a concepção e a publicação do texto em livro; assim sendo, Maleval convenientemente procedeu à atualização bibliográfica, destacando meia dezena de trabalhos publicados nas décadas de 1980 e 1990. A própria autora é quem observa que um desses trabalhos – *A concepção de poder em Fernão Lopes*, de Luís de Sousa Rebelo, publicado apenas um ano após a defesa da tese – apresenta afinidades com *Fernão Lopes e a retórica medieval*, conquanto os investigadores tenham chegado a conclusões semelhantes por vias diversas; desse modo, torna-se possível divisar uma nova tendência de problematização dos escritos do autor lusitano, que certamente será revisitada e desenvolvida por aqueles que futuramente vierem a dedicar-se ao seu estudo.

Qual é, afinal, a questão norteadora da investigação de Maria do Amparo Tavares Maleval? Como afirma a autora (p. 15), “[a] hipótese que norteou-me as reflexões diz respeito à negação ‘retórica’ que o genial primeiro cronista-mor de Portugal estabelece no prólogo da *Crónica delRei dom João I da boa memória*”, a saber: “de que nela o leitor ou ouvinte não encontraria ‘fremosura e novidade de pallavras’, mas sim a ‘clara’ e ‘nua’ ‘çertidom da verdade’”. “Intentei demonstrar que Fernão Lopes usou, sim, de ornamentos vários para ‘vestir’ o discurso factual”, ressalta Maleval, o que não ocorre por acaso: subjacente à produção do cronista estava o propósito de justificar a ascensão da Dinastia de Avis, visando a “confirmar o providencialismo em torno da Revolução de 1383-1385, quando do interregno proveniente da morte de D. Fernando”. Os recursos privilegiados no desenvolvimento da pesquisa foram a retórica aristotélica, cuja difusão na Idade Média deve-se principalmente ao *De inventione* de Cícero e à *Retórica ad Herennium* que então lhe era atribuída, e estudos interdisciplinares acerca da retórica desenvolvidos no século XX.

A questão de que trata o estudo de Maleval encerra, portanto, uma relevância inquestionável: trata-se de indagar pela própria natureza da suposta – ainda que tantas vezes e por não poucos apregoada – objetividade histórica, assunto que desde sempre importou à historiografia. A fim de ilustrar a pertinência do questionamento, podem-se mencionar comentários recentes em torno do tema, propostos por figuras

de reconhecida importância. Georges Duby já observou que “[a] história é, antes de mais, um divertimento: o historiador sempre escreveu por prazer e para dar prazer aos outros. [...] O que ele enuncia, quando escreve a história, é o seu próprio sonho”, reconhecendo: “A elaboração do material é sempre feita de forma subjetiva. [...] A objetividade do conhecimento histórico é um mito” (1986: 73). Por sua vez, Edward Carr (1996, Cap. I) ressalta que “[o]s fatos, mesmo se encontrados em documentos, ou não, ainda têm de ser processados pelo historiador antes que se possa fazer qualquer uso deles”; que “o processo de reconstituição governa a seleção e interpretação dos fatos”, sendo precisamente isso “o que faz deles fatos históricos”; assim, não se furta a afirmar: “História significa interpretação”. Nada mais justificado, portanto, que o questionamento de Maleval: ao propor-se apresentar a “certidão da verdade”, de que “verdade” tratava Fernão Lopes, e de que modo ela emergia na superfície textual em meio aos “ornamentos” intrínsecos ao seu mister?

É com inegável competência que a pesquisadora argumenta em função de sua hipótese norteadora, demonstrando que a “nua verdade” do cronista se apresenta, com efeito, recoberta por diversas camadas de véus, se nos é permitida a metáfora. Maleval demonstra, por exemplo, como na *Crónica de D. João I* o Mestre de Avis surge representado como o líder em torno do qual se uniam os nobres, o povo e os donos de capital, para além de recursos imagéticos que chegam a remeter a Jesus Cristo, de tal maneira que seus sectários seriam como os apóstolos a quem “caberia ‘pregar o Evangelho Português’, isto é, ‘converter’ a todos para a causa do Mestre” (p. 184-185); do mesmo modo, a figuração de Nun’Álvares por Fernão Lopes apresenta um conjunto de lugares retóricos característicos das hagiografias, chegando o cronista a indicar o seu modelo – Galaaz –, apresentando todas as virtudes próprias do cavaleiro ideal (p. 206-209). De onde a precisa conclusão da autora, segundo a qual o valor de Fernão Lopes deve ser mensurado “também pela eficácia da sua retórica a serviço da causa de Avis” (p. 240).

*Fernão Lopes e a retórica medieval* é, enfim, uma obra de capital importância para os estudiosos da literatura e da história medievais portuguesas, para quem é incontornável a obra rica e complexa do escrivão da pureza do Infante D. Fernando; não se trata, contudo, de um volume destinado apenas a especialistas, sendo perfeitamente acessível àqueles que por curiosidade, interesse esporádico ou mero deleite desejarem aproximar-se daquele que Herculano, usando as palavras de Francisco Dias, qualificou como “o primeiro, na moderna Europa, que dignamente escrevera a historia” (1886: 8).

Henrique Marques Samyn

Professor Adjunto/UERJ

## Referências bibliográficas

- Carr, E. H. (1996): *O que é História?* Trad. L. M. de Alverga; revisão técnica de Maria Yedda Linhares (Rio de Janeiro: Paz e Terra).
- Duby, G. (1986): “O historiador, hoje”. In: Le Goff, J. / Ariès, P. / Ladorie, E., *História e nova história*. Trad. Carlos da Veiga Ferreira (Lisboa: Teorema).
- Herculano, A. (1886): *Opúsculos*. T. V: Controvérsias e estudos históricos, T. II. 5a ed. (Lisboa: Viúva Bertrand).